O ESTADO DE S.PAULO
Publicado em 03/10/2024 - 06:00

Grau de investimento depende de questão fiscal, alerta Moody's

Rating soberano **Mudança de degrau**

Grau de investimento depende de questão fiscal, diz Moody's

Vice-presidente da agência diz haver riscos fiscais em relação ao arcabouço, e que o governo terá de realizar os ajustes necessários num horizonte de 18 meses

ALINE BRONZATI
CORRESPONDENTE NOVA YORK

Se o Brasil quiser recuperar o selo de bom pagador – grau de investimento – da agência de classificação de risco Moody's, tem um horizonte de 12 a 18 meses para fazer a lição de casa, o que inclui melhorias na gestão fiscal, em especial a adoção de mais medidas que ajudem a conter o aumento das despesas obrigatórias, e a manutenção de um crescimento contínuo à frente. A afirmação é da vice-presidente da Moody's para risco soberano, Samar Maziad. "Não damos conselhos, mas o horizonte típico de perspectiva é de 12 a 18 meses. Então, é importante manter isso em mente", disse a executiva, em entrevista ao *Estadão/Broadcast*.

A Moody's anunciou na terça-feira a melhora da nota de crédito do Brasil, de Ba2 para Ba1, e colocou o País a um passo de retomar o grau de investimento, perdido em 2015. O movimento ocorre cinco meses após a agência ter alterado a perspectiva do rating do País, de estável para positiva – perspectiva que foi mantida no anúncio de anteontem.

Sobre a reação do mercado, onde muitos analistas viram a decisão como uma "leitura otimista" da Moody's – já que a melhora do rating ocorre no momento em que o País inicia um ciclo de alta de juros, diante de incertezas fiscais –, Samar disse: "Nós temos um cenário-base. Esperamos que o governo cumpra as metas fiscais". Segundo ela, a agência ainda vê riscos fiscais em relação à adoção do novo arcabouço, como destacou em sua decisão, mas reconhece que os resultados estão evoluindo.

Ganho
Agência destaca a dinâmica de crescimento do País, que se sustentou nos últimos quatro anos

'SOB CONTROLE'. A decisão da Moody's também veio após executivos da agência terem se reunido com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, em Nova York, na semana passada. O encontro foi pedido pelo próprio presidente, que estava na cidade por causa da Assembleia-Geral das Nações Unidas (ONU).

De acordo com a executiva, nada mudou em relação ao Brasil desde a semana passada. O que pesou na decisão da Moody's foram "melhoras materiais" no perfil de crédito do Brasil, em especial, um crescimento "muito mais forte" desde a pandemia. "Quando tínhamos a classificação Ba2, o cenário econômico e a perspectiva eram muito diferentes para o Brasil. Ao longo do tempo, vimos uma melhora na dinâmica de crescimento, que se sustentou por quatro anos", diz.

Samar diz que a expectativa da Moody's é de que o Brasil continue apresentando uma melhor dinâmica de crescimento da economia. Sobre o monitoramento das medidas de gasto do governo, ela diz que, em geral, os riscos estão "sob controle". "É importante colocar os riscos fiscais do Brasil no contexto dos elementos gerais que fazem parte do seu perfil de crédito. É importante colocar os desafios e os pontos fortes juntos", disse. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios **Caderno:** B **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.